

---

## Literatura policial e ficção científica na Argentina do século XIX: Eduardo L. Holmberg

*Science Fiction and Detective Stories in 19th Century Argentina: Eduardo L. Holmberg*

**Andrea Pezzè**

---

**Edição electrónica**

URL: <http://journals.openedition.org/eces/4676>

DOI: 10.4000/eces.4676

ISSN: 1647-0737

**Editora**

Centro de Estudos Sociais da Universidade de Coimbra

**Refêrencia eletrónica**

Andrea Pezzè, « Literatura policial e ficção científica na Argentina do século XIX: Eduardo L. Holmberg », *e-cadernos CES* [Online], 32 | 2019, posto online no dia 15 dezembro 2019, consultado o 19 agosto 2020. URL : <http://journals.openedition.org/eces/4676> ; DOI : <https://doi.org/10.4000/eces.4676>

---



ANDREA PEZZÈ

LITERATURA POLICIAL E FICÇÃO CIENTÍFICA NA ARGENTINA DO SÉCULO XIX:  
EDUARDO L. HOLMBERG

**Resumo:** Este artigo propõe apresentar a figura excêntrica do escritor argentino Eduardo L. Holmberg especialmente através das suas obras de final do século XIX – que se podem incluir na ficção científica e/ou no policial – e relacioná-las tanto com as especificidades argentinas como enfocá-las à luz dos estudos mais recentes sobre biopolítica e controlo social. Numa primeira parte, iremos apresentar retrospectivamente o cânone da ficção científica e do policial que para Ricardo Piglia se institui na Argentina com a obra de Jorge Luis Borges (ou seja, nos anos 30 ou 40 do século XX). Numa segunda parte, faremos a análise teórica do papel do Estado, através dos estudos sobre biopolítica de Foucault, Agamben e Esposito, e a gestão do conhecimento científico pelo poder que as obras “Horacio Kalibang o los autómatas” e *La bolsa de huesos* mostram.

**Palavras-chave:** biopolítica, Eduardo L. Holmberg, ficção científica, policial, tanato-política.

SCIENCE FICTION AND DETECTIVE STORIES IN 19TH CENTURY ARGENTINA:  
EDUARDO L. HOLMBERG

**Abstract:** The purpose of this article is to portray the eccentric figure of the Argentinean writer Eduardo L. Holmberg, focusing in particular on two of his late 19th century works - which can be classified as science fiction and detective stories - and relating them to distinctive features of Argentina, while also framing them against the background of the most recent studies on biopolitics and social control. First of all, we will retrospectively analyze the canon of science fiction and detective stories that, according to Ricardo Piglia, began in Argentina with the writings of Jorge Luis Borges (i.e., between the 1930s and 1940s). Later, we will dwell on the theoretical analysis of the role of the State, through the studies of biopolitics by Foucault, Agamben and Esposito, and the management of scientific knowledge by the ruling power depicted in “Horacio Kalibang o los autómatas” and *La bolsa de huesos*.

**Keywords:** biopolitics, detective story, Eduardo L. Holmberg, science fiction, thanatopolitics.

## INTRODUÇÃO

Eduardo L. Holmberg (1852-1937) foi um dos protagonistas da cena cultural argentina entre os séculos XIX e XX. Contudo, os estudos sobre a sua obra só começaram nos últimos trinta anos, nomeadamente graças ao trabalho de Gioconda Marún (1993) a respeito dos representantes menos conhecidos do Modernismo rio-platense. O longo silêncio em redor da narrativa de Holmberg deve-se a duas causas relevantes. Em primeiro lugar, o argentino não era um literato e, apesar da sua produção literária não ser quantitativamente escassa, esta ficou subordinada ao seu trabalho de divulgação científica. Estudante de medicina na década de 1870,<sup>1</sup> especializou-se em botânica e zoologia, até chegar à direção do jardim zoológico de Buenos Aires entre 1888 e 1904. Holmberg participou em cinco missões de investigação nas áreas internas deste país austral,<sup>2</sup> registando assim o seu nome em obras de exploração, classificação e organização do recém-nascido Estado moderno argentino. Após a “Conquista del Desierto” – a operação militar que, em 1879, marcou a expansão da elite urbana e, dessa forma, a aniquilação do mundo indígena –, cresceu com maior vigor o projeto modernizador, económico e positivista na definição e direção do território nacional (Asúa, 1993; Alinovi, 2009; Quereilhac, 2016). Na qualidade de zoólogo, Holmberg integrou-se no grande processo enciclopédico argentino, seja no trabalho de investigação, seja na ação divulgadora. Nos anos do auge do positivismo, dedicou-se ativamente à nacionalização do conhecimento científico. Um exemplo é a polémica com o seu predecessor na direção do jardim zoológico, a quem reprovava a atitude de estranhejar a investigação científica e o desinteresse pela divulgação:

O diretor tem muito que fazer; as publicações europeias transmitem anualmente as suas numerosas observações e, portanto, não se pode ocupar de certos pormenores que, na verdade, não correspondem a um Diretor do Museu; porém, entretanto, o estabelecimento não contém objetos acessíveis ao público senão pela vista. Os “Anais do Museu” já não se publicam e é necessário conhecer as obras europeias para saber o que há no Museu de Buenos Aires. As suas estantes encontram-se cheias, em mais de um sítio repletas. Temos um grande museu, mas não o aproveitamos, porque não o soubemos organizar para a instrução pública, como foi pensado por [Bernardino] Rivadavia, esse grande homem que

<sup>1</sup> Para mais informações biográficas e sobre o percurso de cientista, cf. Solomonoff (2006), López Martín (2005) e Bruno (2015).

<sup>2</sup> “Paralelamente a estas duas atividades, Holmberg realizou em 1872 uma expedição ao Rio Negro, atravessando a fronteira dos indígenas. Percorreu as províncias do Norte, subiu o Rio Luján (1878) e participou nas expedições de Ameghino e o botânico Federico Khurtz no Chaco (1885) e em Misiones (1886), publicando um relatório de cada uma destas viagens” (Solomonoff, 2006: 15; tradução própria).

ditou os aforismos do futuro argentino [...]. O Museu de Buenos Aires está, pois, mal dotado e pior organizado.<sup>3</sup> (Holmberg *apud* Bruno, 2015: 125)<sup>4</sup>

O segundo motivo toca à tipologia de literatura que escreveu: fantástica, principalmente nos matizes góticos de E. T. A. Hoffmann, nos contos “El ruiseñor y el artista” (1957a [1876]) ou “La pipa de Hoffman” (1957b [1876]); policial em *La bolsa de huesos* (2005 [1896]), ou no cruzamento com o fantástico, em *Nelly* e em *La casa endiablada* (ambos de 1896); ficção-científica em “Horacio Kalibang o los autómatas” (1998 [1879]). Apesar de Rubén Darío, fundador do Modernismo hispano-americano, ter composto obras de tema gótico (“Tanatophobia” e outros contos), o cânone do movimento ficou ligado à produção poética, sem englobar os gêneros literários ditos populares, que caíram no esquecimento.

No final do século XX, a consolidação na história da literatura dos gêneros populares – com a consequente estruturação *ex novo* de uma taxinomia (bom/mau, adequado/impróprio, etc.) – estimulou o aumento dos estudos sobre os gêneros, também num enfoque retrospectivo. Holmberg, pela sua capacidade de transcender a simples história de investigação policial ou de ficção científica, converteu-se no mais estudado entre os menos estudados autores argentinos do final do século XIX.<sup>5</sup>

Um fator de interesse na sua obra é a constante oscilação entre o impulso do progresso científico da nação e o receio do mesmo, este último muitas vezes de caráter espiritista ou teosófico. Numa terra de graves conflitos com as povoações indígenas, Holmberg coloca a si mesmo o problema da educação dos subalternos;<sup>6</sup> no debate neocolonialista da conquista do território da nação, relaciona a brutal expansão da fronteira com a incumbência da disciplina:

nestas circunstâncias, os Governos mostrarão mais empenho do que têm tido até agora, [...] farão disso uma preocupação constante e agregarão a qualquer

<sup>3</sup> Em 1882, Bruno (2015: 128) escreveu: “Burmeister apenas sabe focar-se em si mesmo, tirar o maior proveito dos que sabem menos do que ele, incutir-lhes o terror à ciência, pois o seu exemplo é muito adusto; pôs em ordem e enriqueceu um museu, teve a ideia de fundar uma academia artificial que não o adorou como ele esperava e que uma nota do Governo Nacional pode dissolver, é monopolizador [...], enriqueceu o seu próprio país e, em geral, as revistas europeias com materiais de todo o tipo, que o seu país de residência lhe oferecia de todas as formas”.

<sup>4</sup> Todas as traduções são da minha responsabilidade.

<sup>5</sup> Se não tivermos em conta *Olimpio Pitango de Moralia*, do início de 1900, mas que foi apenas publicada em 1994, a obra de Holmberg no século XX é quase inexistente. Sobre *Olimpio Pitango de Moralia*, cf. Marún (1996) e Rodríguez Pérsico (2001).

<sup>6</sup> “De facto, apesar de em algumas das suas impressões sobre a sociedade plural argentina surgirem referências às multitudes, às mestiçagens raciais e questões afins, estas não estão empertigadas de maneira rígida por matrizes comtescas, darwinianas – recorde-se que foi um difusor do darwinismo no país –, spencerianas ou lebonianas” (Bruno, 2015: 136).

expedição militar, trigonométrica, exploradora, etc., um ou mais naturalistas que recolham aquilo que pode interessar ao conhecimento do país. (Bruno, 2015: 125)

No entanto, existe nele também a consciência da condição de subalternidade da América Latina, objeto da cobiça do neocolonialismo europeu (britânico, francês, alemão) e norte-americano. Uma das ideias que vou desenvolver neste trabalho é a de que o autor vincula o medo da tecnocracia à expansão neocolonial, desenvolvendo também a sua ironia enquanto enunciador.

### FICÇÃO CIENTÍFICA E CULTURA LATINO-AMERICANA

Em Holmberg é sempre manifesta a inquietação da extensão do domínio da ciência. A importância dos estudos teosóficos e espiritistas motivou no escritor, tal como aconteceu com outros autores coevos, a contínua reflexão sobre os limites (morais, éticos, naturais) da ação científica e sobre a relação desta com a inteligência coletiva e o poder.<sup>7</sup> Em *Viaje maravilloso del señor Nic-Nac al planeta Marte* (1875), romance escrito aos 23 anos, a narração inclui especulações científicas muito contraditórias (entre ciência e espiritismo), e também a relação entre conhecimento e alienação mental. De facto, a viagem que o protagonista empreende não é mecânica, mas sim a viagem científica do seu espírito ao planeta Marte, e esta experiência excêntrica faz com que venha a ser considerado um doente mental.<sup>8</sup>

– Morto! Ah Ah! Infelizes, não sabem que só agora estou vivo e que o espírito e a imagem, flutuando já no éter das almas, frui [sic] de toda a atividade do espírito universal? [...] Lá na Terra fica o meu corpo rodeado pelo o que era a minha família. (Holmberg, 2006: 45)

O conto “Horacio Kalibang o los autómatas” – na esteira de Hoffmann, uma ficção sobre robótica – é emblemático neste sentido. A história, ambientada na Alemanha, relata o encontro de uma família com Horacio Kalibang, um autómato que consegue perder o seu centro de gravidade sem cair. A primeira aparição de Kalibang sucede

<sup>7</sup> A quase totalidade da bibliografia crítica sobre Holmberg insiste no duplo âmbito dos seus interesses culturais.

<sup>8</sup> Num diálogo entre dois jovens – ouvido pelo narrador heterodiegético onisciente – que introduz o relato do senhor Nic-Nac, o castigo que se pretende aplicar aos partidários destas loucuras científicas e teosóficas é chamativo: “espero que o teu entusiasmo pelo senhor Nic-Nac não te levará à imitar a sua fantástica e disparatada viagem, pois de contrário, já sabes que a casa dos dementes é bastante grande, que nela há algumas celas vazias, e que o diretor Uriarte opera os chuveiros com extraordinária maestria” (Holmberg, 2006: 28). Além da macabra curiosidade biopolítica do duche como castigo, mais adiante o narrador reproduz outro diálogo entre dois anciãos preocupados com os feitos da Comuna de Paris e a sua possível extensão para a Argentina. A conexão entre ciência, tortura e rebeldia está assim muito presente na literatura de Holmberg.

durante um jantar familiar para celebrar o 15.<sup>o</sup> aniversário da filha do Burgomestre – ou seja, o Prefeito, mas prefiro manter o termo usado no conto pelas razões que vou expor mais para a frente –, esposa prometida do Marechal Hermann. Inicialmente, os presentes estão céticos em relação à existência dos autómatos; acham que se trata de uma personagem shakespeariana e não de um ser real.<sup>9</sup> Contudo, a dúvida instala-se no Burgomestre, que indaga entre os seus conhecidos e, logo de seguida, descobre que um forasteiro, Oscar Baum, está a construir outros androides, exatamente iguais aos seres humanos. Mais tarde, Baum convida-o a sua casa e Burgomestre encontra lá um exército de autómatos. Entre eles, alguns são cópias idênticas dos seus parentes. O pior é que Baum é também um autômato que responde às vontades de Fritz, primo do Burgomestre e narrador homodiegético da primeira parte do conto. Por fim, o Burgomestre recebe uma carta onde Fritz expõe a verdadeira amplitude desta oculta ameaça contra a humanidade.

Há três aspetos importantes do conto que vou destacar: o primeiro relaciona-se com o debate científico entre materialismo, teosofia e positivismo; o segundo coincide com o problema da identidade cultural latino-americana; o terceiro diz respeito à ideia paranoica, inerente à ficção-científica, da labilidade da fronteira entre assombro científico e medo tecnocrático.

Graciela Néida Salto (1997: 32 ss.) tem abordado de forma pertinente os primeiros dois problemas. Por um lado, através da figura de Kalibang, Holmberg discute, com ironia polémica, o positivismo na Argentina. Um detalhe parece importante: em 1879 – o mesmo da publicação do conto –, José María Ramos Mejía, amigo de Holmberg e companheiro em alguns salões literários e científicos, tinha apresentado a sua tese em medicina, um estudo intitulado *Apuntes clínicos sobre el traumatismo cerebral*. Na dedicatória a Ramos Mejía que acompanha o conto, para além do inequívoco tom irónico (“daqueles que se glorificam da posição ereta e de certa terceira convolução no lóbulo esquerdo do cérebro”), Holmberg sugere um indício interpretativo: “Horacio Kalibang o los autómatas” quer irromper no debate sobre o estudo da mente, já que os autómatos são seres grotescamente conscientes. Em geral, podemos dizer que se trata de um conto sobre o materialismo desmedido.

– Se não um mequetrefe – afirma o Burgomestre –, quem é que nega as verdades reveladas ao homem pelo seu empenho incessante no estudo da Natureza, aceitando uma parvoíce, como aquela que acabas de manifestar? Acreditas, por acaso, que os meus cabelos brancos são de ontem? Suspeitas estar a falar com

---

<sup>9</sup> “Um personagem de nome muito parecido aparece também em *A tempestade*, de Shakespeare” (Holmberg, 1998: 150).

um religioso, fanático, que vai admitir as tuas preocupações a título de crenças ou de fé? (Holmberg, 1998: 148)

A ambientação na Alemanha serve, então, seja como arquétipo do poder tecnocrático e materialista – uma potência estrangeira que impõe o domínio da ciência também nos países periféricos –, seja para fazer um *calembour* com o nome do diretor do Museu Público de Buenos Aires, Carlos German Conrado Burmeister, defensor fervoroso do materialismo europeu. A apreensão relativa à tecnocracia depende, assim, também do lugar de enunciação do autor: uma área periférica, objetivo da assimilação – esta metáfora alimentar não é casual – económica europeia e norte-americana. As elites latino-americanas do século XIX consideravam o continente um lugar vazio, ao qual era preciso aplicar o domínio da razão e do progresso. Ao mesmo tempo, as potências europeias e, perto do fim do século, também os Estados Unidos da América (EUA), disputavam entre si a exclusividade comercial de tal operação. O debate sobre a forma da nação (a quem confiar o destino da pobre, jovem e indefesa pátria?) surgiu na primeira metade do século XIX por vontade de intelectuais românticos, que se prefiguravam como pais da nação: ditavam as linhas fundamentais do desenvolvimento e definiam os inimigos da civilização (indígenas, pretos, gaúchos). Holmberg não ignorava a tradição política do intelectual argentino, mas manejava-a com o mesmo espírito contraditório que caracteriza toda a sua obra de ficção. Um exemplo de visão patriarcal, reconhecido também por Graciela Salto (1997), está presente justamente em “Horacio Kalibang o los autómatas”, quando o Burgomestre define a sua ideia sobre a filha: “Quinze anos! A idade mais deliciosa para uma mulher, porque apesar de já ter quase desenvolvido esse inconsciente que chamamos coração humano, a sua cabeça goza ainda do mais etéreo e divino dos vazios” (Holmberg, 1998: 150). Mas se o Burgomestre representa uma personagem negativa, também o é pela sua educação. De modo que a sua ação pedagógica parece dizer: “o materialismo que recomendo e difundo na qualidade de pai é também o começo do apocalipse”.

Evidentemente, positivismo e fé na ciência chocam na ameaça de monstruosidade que acarretam: “Senhores e cavalheiros, muito boas noites; já podem ver que não sou um mito” (*ibidem*: 151). No conto de Holmberg, o mito terrível de Caliban materializa-se na máquina.

As figuras conceptuais shakespearianas de Ariel e Caliban tornaram-se centrais no panorama cultural do modernismo após a publicação, em 1878, de *Caliban, suite de La tempête: drame philosophique* de Ernest Renan. Neste livro, Caliban é a metaforização dos partidários da Comuna de Paris, que se revoltaram contra a ordem estabelecida (Jáuregui, 2005: 479 ss.).



José Enrique Rodó, Paul Groussac e Rubén Darío serviram-se destas duas personagens para fixar a ideia de como têm de ser (ou de como não têm de ser) os latino-americanos. Para Rodó, no seu ensaio narrativo *Ariel* (1998 [1900]), estes têm de se identificar com o escravo etéreo, educado – por Próspero (que representa a Europa) – para as artes e para a paz. Nos três autores, Caliban representa o monstro do materialismo e da tecnologia dos EUA. Depois da guerra contra o México (1848) e a intervenção militar em Cuba (1898), as cidades industriais dos EUA tornam-se a ambientação onde Groussac, em 1893, e Darío, em 1898,<sup>10</sup> posicionam o monstro tecnológico Caliban, enfeitizador para o primeiro, mas decididamente ameaçador para o segundo (e detestável para Rodó).

Em “Horacio Kalibang o los autómatas”, a irrupção em cena do escravo rebelde de Próspero coloca o triunfo da tecnologia para lá da fronteira da aceitabilidade e reativa o tropo colonial do canibal/Caliban em termos de limite do desejo e concretização do medo: na conquista colonial da América, representou o desejo dos conquistadores de assimilar o território e o medo de serem assimilados pelo Outro indígena (Jáuregui, 2005: 70 ss.); no século XIX, concretiza a ambição do domínio da ciência no projeto liberal e o medo de serem dominados por ela.

No que se refere à visão da ficção científica enquanto complô e o uso que Holmberg faz deste género, voltarei a este assunto no final do artigo, depois de ter sublinhado alguns aspetos do policial, presentes no romance *La bolsa de huesos*, importantes quando comparados com “Horacio Kalibang o los autómatas”.

#### **LA BOLSA DE HUESOS E O SURGIMENTO DA LITERATURA POLICIAL ARGENTINA**

Para refletir mais aprofundadamente sobre o uso que Holmberg faz dos géneros literários, vou agora analisar o papel do policial. As obras do argentino que reproduzem esta gramática narrativa são cinco (Setton, 2014: 581): *La bolsa de huesos*, *Nelly*, *La casa endiablada* e os contos “Don José de la Pamplina” (2002 [1905]) e “Más allá de la autopsia” (2002 [1906]). Em *Nelly* (1896) e em *La casa endiablada* (2013 [1896]) é bem visível o desenvolvimento da temática da complexa relação entre ciência e espiritismo. *La bolsa de huesos*, porém, é também muito relevante, tendo em conta que o foco da atenção recai sobre as discrepâncias nas relações entre cidadania, Estado e poder.

Nesta última obra, logo depois de regressar para Buenos Aires vindo de uma viagem de investigação pelo interior do país, um médico (narrador e protagonista do relato) descobre em casa uma bolsa com os ossos de um esqueleto humano, a que falta uma costela. Na casa de outro médico, depara-se com outro esqueleto com a mesma

---

<sup>10</sup> Cf. Groussac (1904 [1893]) e Darío (1914 [1898]).



deficiência. Ambos os esqueletos pertenciam a pessoas desaparecidas. Graças aos conhecimentos de medicina, de frenologia e outras referências científicas, o protagonista descobre que ambas as vítimas eram estudantes de medicina, que a primeira podia mentir e a segunda não e, finalmente, acaba por descobrir também a identidade do culpado. Trata-se de Antonio Lapas, que, na realidade, é Clara, uma mulher, médica autodidata, que engravidou depois de ter sido seduzida e abandonada pela primeira vítima. A conclusão do romance surge de improviso. O médico sugere à culpada que se salve de ser julgada, mas por meio do suicídio, usando o mesmo veneno com o qual matou as suas vítimas.

Parece central a proposta/ordem que o médico faz de Clara pagar as suas dívidas com a justiça através do mesmo método que usou nos seus crimes. Esta atitude pode ler-se desde o ponto de vista das dinâmicas formais do género literário, mas também desde o ponto de vista da relação entre saber masculino e invasão desse espaço (neste caso, saber médico) por parte de uma mulher (Ludmer, 1999).

Se, por um lado, desde os contos de Edgar Allan Poe no século XIX o arbítrio do detetive se desvincula das dinâmicas da investigação policial (ou seja, dos representantes do Estado), a verdade é que este caso é mais profundo. Como afirma Paola Cortés Rocca, não estamos só perante o propósito “de estabelecer os territórios que delimitam a ação policial e, já não aquela do detetive inteligente, senão aquela do médico” (Cortés Rocca, 2003: 68). A questão é bem mais complexa. Vejamos: o chefe da polícia de Buenos Aires, Belisario Otamendi, criticou o romance antes da sua publicação e aconselhou Holmberg a não publicar a última parte, em que o médico/detetive incentiva a Clara ao suicídio.<sup>11</sup> Segundo Cortés Rocca, a oposição à publicação dessa parte devia-se à substituição do polícia pelo médico/literato. A crítica assinala que, pelo contrário, a investigação é concetualmente legítima, já que o médico se propõe curar o corpo social:

se o médico biologista pensa na sociedade como organismo e na transgressão à Lei como doença que o aflige, o médico justifica a sua posição na medida em que vê aquilo que não é visível à vista desarmada, na medida em que descobre os “sintomas” das doenças sociais, deteta as suas origens, prescreve injeções e tratamentos possíveis. (Cortés Rocca, 2003: 70-71)

---

<sup>11</sup> “Na dedicatória de *La bolsa de huesos*, Eduardo L. Holmberg agradece a Don Belisario Otamendi (diretor da polícia de Buenos Aires) a atenção que dedicou à leitura da sua obra e a sugestão de esta acabar no capítulo VI, no momento em que se dá a conhecer a identidade da assassina e antes de o protagonista decidir o seu destino” (Girona Fibla, 2010: 38; tradução própria).

A questão relevante, na minha opinião, é outra. No romance, o médico não substitui apenas o polícia na investigação, mas também o juiz no castigo; age fora da norma penal, inflige a punição no indivíduo para curar o corpo coletivo. Ou, por outras palavras, institui o Estado policial a partir de um ponto de vista médico.

O problema remete para a descrição analítica do conceito de biopolítica elaborado por Michel Foucault (2004, 2005). Tanto Giorgio Agamben como Roberto Esposito refletiram sobre a contradição, não esclarecida na obra do pensador francês, entre proteção da vida e soberania sobre a mesma: é proteção do corpo, a partir do momento em que se lhe inflige um castigo (a diferença entre suplício e penas em *Vigiar e punir*), ou é dominação letal sobre o corpo (social, individual).<sup>12</sup> De que forma se combinam os dois atributos da biopolítica – defesa da vida através da subministração da morte – na sociedade contemporânea?

Primeiro, damo-nos conta de que, seguindo Esposito, o agir do protagonista de *La bolsa de huesos* não representa um desvio de conduta: ajusta-se plenamente ao paradigma imunitário, a abordagem que o filósofo napolitano usa para resolver a contradição do biopoder. O médico injeta no corpo social uma vacina. Para reajustar a sociedade dentro dos parâmetros estabelecidos, usa um veneno peruano, a mesma arma com a qual Clara se pusera acima e fora da lei. A quantidade de morte que o poder prevê para poder garantir a vida é, em Esposito, o conceito de imunização: é tanto maior quanto está radicado o mal. Mas, além da quantidade, a sua característica fundamental é a sistematicidade. A morte, empregue em conformidade com o conceito de imunização, é o instrumento fundamental da vida social. Se Cortés Rocca fala do triunfo do médico na medida em que é moderno, tal depende de que ele, pela sua sabedoria imunológica, se substitui ao juiz, ao polícia, ao legislador;<sup>13</sup> depõe o aparato de vigilância e de narrativização do poder para favorecer a medicalização social. Os leitores que não são médicos, não têm os instrumentos para alcançar a compreensão: “antes da formulação de um juízo [...] oh paciente leitor!, examina a tua consciência, e se não és médico, não formules nada” (Holmberg, 2005: 91). Nem a polícia nem o Estado possuem os conhecimentos adequados para determinar o castigo: “como ia permitir que

---

<sup>12</sup> Para Agamben (1995: 8), o ponto obscuro em Foucault está na relação entre as técnicas de individualização subjetiva e os critérios de totalização objetiva. O problema advém do facto de o filósofo francês deixar de investigar as dinâmicas do poder entre a proteção da vida individual e os dispositivos biopolíticos de controlo em geral. Para outro filósofo italiano, Roberto Esposito (2004: 25-26), a contradição que Foucault não resolveu nos seus estudos sobre biopolítica é entre a vida que fixa os limites da política ou, ao contrário, a vida que fica aprisionada pelos dispositivos da biopolítica, sem a possibilidade de expressar a sua potência. Entre estas duas possibilidades, uma ausência de significação pode derrubar a inteira estrutura conceptual. No seu ensaio *Immunitas*, Esposito tenta solucionar a dita contradição através do paradigma imunitário, ou seja, da ideia que os sistemas biopolíticos introduzem constantemente no corpo social uma dose de mal para garantir a saúde do próprio corpo.

<sup>13</sup> “O narrador[-protagonista] vence na medida em que, como escritor, descreve o que está fora da Lei, à margem e acima dela” (Cortés Rocca, 2003: 78).

a justiça ordinária estendesse a sua mão severa e implacável sobre uma mulher [...] uma pobre doente [...], uma infeliz neurótica” (*ibidem*: 100). Só um médico dispõe dos saberes que podem regularizar o corpo social, até na repressão de algumas das suas partes.<sup>14</sup> Contra os elementos excêntricos da sociedade (a mulher em *La bolsa de huesos*, mas também o imigrante italiano e o “negro” em *La casa endiablada*), o conhecimento do burguês urbano é, ou parece ser, o baluarte da ordem, e a polícia o seu servente (este aspeto é mais evidente em *La casa endiablada*).

A minha análise não se pretende concentrar nem na posição ideológica de Holmberg sobre a construção do aparelho de controlo biopolítico do Estado (aliás, quase impossível de determinar), nem na análise filosófica e política das duas obras apresentadas neste artigo. O meu interesse centra-se no papel que os géneros literários modernos desempenham na *mise-en-scène* destes temas. Em especial, o enfoque que pretendo desenvolver diz respeito ao complô e ao conceito argentino de *ficción paranoica*, elaborado por Ricardo Piglia (1991) e ampliado por Josefina Ludmer (1999) e Daniel Link (2009).

Muitos elementos da narração constituem-se em termos de conluios narrativos. O agir de Clara constitui a primeira conspiração, sendo esta revelada pelo médico. Clara oculta-se no seu travestismo e, como afirma Josefina Ludmer, atenta contra os conhecimentos médicos e masculinos, ou seja, a maquinação aponta diretamente às instituições do Estado, tanto no saber como no género dos seus representantes:

Clara, a primeira assassina do género policial na Argentina, é simultaneamente uma paciente de Charcot e uma linda Circe vingativa que sabe medicina. Encarna melhor do que ninguém a modernidade finissecular na “literatura científica” do relato policial: mata homens da ciência quando veste roupa de homem, [...] no exato momento em que surgem as primeiras mulheres na Faculdade de Medicina de Buenos Aires, ou seja, as primeiras médicas, que foram também as primeiras feministas argentinas. (Ludmer, 1999: 359)

O segundo conluio é relativo às coordenadas narrativas do romance. Cortés Rocca (2003: 68; itálicos no original) explica que “não há enigma *no* início do relato, senão a construção desse enigma *simultaneamente* com a estória. *La bolsa de huesos* é, neste sentido, não tanto a estória da revelação de um enigma, mas sim a construção de um enigma enquanto estória e a estória da construção de um enigma”. Trata-se de um

---

<sup>14</sup> Com Esposito, destaco que a importância do médico na gerência imunitária da nação se torna fundamental na política nazista. Eugenesia e higienismo são cruciais na ideia racista de desenvolvimento da política nazi e encontram no Lager a sua expressão mais sinistra: a única possibilidade de assegurar a melhor vida possível é sistematizar a morte.

complô hermenêutico em que não é possível perceber a posição do enunciador, a tipologia de relato que está a articular e os objetivos a perseguir. *La bolsa de huesos* é uma meta-narração policial na qual, teoricamente, nós, os leitores, estamos a ler “a realidade”, um testemunho sobre um acontecimento real, enquanto o narrador está a investigar, para depois escrever uma obra de ficção. De facto, sugerir o suicídio não é um final pertinente para um policial e no romance esta versão não apareceria. Daniel Link afirma que:

Quem conta [a estória] é um cientista naturalista que “faz” de detetive para escrever um romance que já é um delírio paranoico [...]. Ludmer assinala que o “homem de ciência” de *La bolsa de huesos* (também médico), não só se transmuta em detetive para investigar o mistério do sexo feminino em nome da lei (para o Estado), como também para escrever um romance “que despiste”. (Link, 2009: 10)

Em *La bolsa de huesos* lemos que: “alguns vão dizer que é romance, outros que é conto, outros narração, uns pensarão que é uma investigação policial, muitos que é mentira, poucos que é verdade. E assim ninguém saberá a que se ater” (Holmberg, 2005: 99). O complô é isto: apresenta-nos um romance, mas teima na dimensão documental do texto; quer que creiamos no poder tanatológico do médico (e que o receemos); garante-nos que vai haver um romance policial ortodoxo (sem um final higienista), mas nós já sabemos qual é o verdadeiro desenlace da investigação.

Há ainda uma última forma do complô, que depende mesmo da relação que o género constrói com as palavras e a sua significação, ou seja, na literatura policial a linguagem oculta em lugar de esclarecer. Para Ricardo Piglia:

[...] o conjunto social [é] uma rede de signos que lhe estão dirigidos [ao detetive] para poder decifrar esse segredo através de uma espécie de mensagem que é necessário interpretar. *Por isso, a literatura policial está ligada à psicanálise e a psicanálise – como diz Octave Mannoni – não se sabe se é um saber sobre o delírio ou se é o delírio de um saber.* (Piglia, 1991: 5; itálico no original)

Este delírio transmite-se ao leitor que, segundo Jorge Luis Borges (1983: 73), se prende com o mesmo afã interpretativo. É útil aplicar estas reflexões e analisar a relação entre o sujeito (Clara, o leitor) e o poder (médico, mas também do Estado). Por outras palavras, qual é a trama oculta, a ameaça, que temos de interpretar? *La bolsa de huesos* exhibe a oscilação biopolítica entre soberania do direito e estado de exceção. Em *Homo sacer*, Agamben (1995) procura solucionar o nó foucaultiano entre biopoder positivo e

poder letal, explicando de que modo, no estado de exceção do direito, a possibilidade de aniquilar o corpo social e individual é uma característica própria da soberania. Trata-se de um privilégio implícito no poder,<sup>15</sup> que, todavia, permanece oculto, escondido atrás de retóricas como o bem-estar, o progresso e a defesa contra as ameaças externas.

O protagonista de *La bolsa de huesos*, defensor do corpo social, força, autoriza, impõe o suicídio à culpada. Em harmonia com o pensamento de Agamben, Clara representa o corpo do *Homo Sacer*, que pode ser morto por qualquer um, mas não em rituais religiosos, sobre os quais o poder exerce o estado de exceção. E é exatamente esta exibição que ativa o sistema de signos paranoicos. O leitor excede o limite da fronteira da defesa do corpo para assomar no território da gestão soberana; rompe as narrações benéficas do Estado para ensaiar o verdadeiro leque de opções do direito, inclusive a morte. A paranoia do policial diz respeito, então, à interpretação do mundo biopolítico que o género revela. No *hard-boiled* de escola norte-americana, este barroquismo (exibição, martírio, monstruosidade) é uma constante. O detetive, empurrado pela positividade do seu corpo e da sua consciência, cruza a separação entre mundo inteligível e mundo tanato-político sem sair do lugar notório da cidade. No ato da decifração dos rastos úteis para a solução do crime, patenteia as duas aparências do poder e confirma uma dúvida clara: a labilidade do conceito de segurança e a relação entre saúde e produtividade no *homo æconomicus*. O amedrontamento está contido na pergunta: se o Estado mata para me proteger, pode também matar-me para proteger os demais?

Quais são os limites (morais, éticos e mesmo científicos) da aplicação da ciência, não só médica, ao corpo social? As tecnologias sociais juntam-se às opções mecanicistas, as quais – empurradas até ao limite máximo – representam um perigo. A hipótese, o medo mecanicista, é traduzido na ficção do corpo-máquina, o autómato. Os andróides de Otto Baum (que têm como porta-voz o Kalibang/Caliban/Canibal) não constituem uma ameaça apenas porque podem fazer o que os humanos podem e mais ainda (como perder o centro de gravidade); são um perigo pelo uso ao qual os destinam e pela forma furtiva como atuam. Numa cena relativamente longa do conto “Horacio Kalibang o los autómatas”, os autómatos dançam, tocam instrumentos, pintam com mestria enquanto arrancam grotescamente pedaços dos seus próprios corpos.<sup>16</sup>

Também na *science-fiction* a inoculação do morbo do suspeito se dá através da diluição das fronteiras entre visível e camuflado e, neste caso, entre humano e não-humano, entre natureza e estado de exceção. O Burgomestre recebe, no fim do conto,

<sup>15</sup> E que Esposito (1998) sublinha a partir do paradoxo *immunitas/communitas*.

<sup>16</sup> Grotesco, tecnologia e morte, um conúbio que na Argentina se tornará fundamental com a obra de Roberto Arlt.

uma carta em que o seu primo Fritz/Baum afirma: “Tenho o mundo nas minhas mãos, porque o manejo com os meus autómatos” (Holmberg, 1998: 161). O problema do reconhecimento, que Carlos Jáuregui (2005: 221) define como “trampa [engano] especular de la diferencia”, é enfatizado também por Fritz:

Quando vires um poeta que te pinta o que não sente, um orador que adula o povo;  
*um médico que mata*, um advogado que mente, um guerreiro que foge, um patriota  
que engana, um ilustrado fanático e um sábio que zurra... podes dizer de cada um  
deles: é um autômato! Sim, Hipknock, sim: tenho enchido o mundo com os  
produtos da minha fábrica. (Holmberg, 1998: 162; *italico meu*)

O destino do uso das máquinas, o engano que elas podem esconder até do observador mais cuidadoso, gera o delírio interpretativo até à raiz da reprodução biológica. Depois do casamento da filha, o Burgomestre/patriarca recomenda: “quando tiver um neto, que será a minha glória e o meu encanto, saberei dizer-lhe, e se morro, diz-lho tu: ‘Filho meu, antes de espalhar os aromas que brotem do teu coração, examina com cuidado se não é um autômato a taça que os recebe’” (*ibidem*: 163 ).

Os desvios do correto funcionamento social são os autómatos. A expressão máxima da ciência é também a devastação da organização social. Será que nestas circunstâncias, o protagonista de *La bolsa de huesos* é então um autômato?

## CONCLUSÃO

Ricardo Piglia, Daniel Link, Josefina Ludmer, todos leitores do complotista Jorge Luis Borges atribuem ao policial – e acrescento ainda a ficção científica – um estatuto epistemológico. Quer dizer que esta literatura apresenta a narração da verdade e também a organização literária dos métodos de esclarecimento dessa verdade. É uma *mise-en-scène* das condições de construção/falsificação da realidade, da articulação das dinâmicas ocultas do poder que corrompem a definição da verdade e mistificam o conceito de controlo, de saúde e de intervenção clínica. O policial e a ficção científica exploram as dinâmicas da modernidade, chegando até aos seus limites. E, por esta razão, podem ser apocalípticos: a narrativa do fim do mundo está sempre incluída na narrativa do conhecido. Mas a circunstância mais destacável é que o limite final da modernidade se apresentou também antes da sua realização. Um território esvaziado das suas referências é igual e contrário a um que precisa de ser preenchido. A América Latina pós-independência viveu esta problemática. A elite da Argentina da primeira metade do século XIX tinha a ambição de inserir o país no sistema global da produção de bens (Beckman, 2013). Em Holmberg é possível reconhecer um nexos com os



românticos,<sup>17</sup> porque o papel dos intelectuais na organização da nação ainda não tinha terminado, pelo contrário, acrescentava-se-lhe os problemas sobre o domínio da ciência, do controlo social e da soberania.<sup>18</sup> Esta ampliação holística inclui também as contradições (tanato-política, falta de controlo sobre a técnica) que, levadas até às consequências máximas, produzem uma sensação de fim do mundo. Mas estes apocalipses modernos precisam de se sistematizar por meio das estruturas narrativas adequadas: por um lado, a paranoia do complô articulada no policial; por outro, a paranoia da ciência, traduzida na ficção científica.

Revisto por Ana Sofia Veloso

## ANDREA PEZZÈ

Dipartimento di Studi Letterari, Linguistici e Comparati, Università degli Studi di Napoli "L'Orientale"  
Palazzo Santa Maria Porta Coeli, Via Duomo 219, 80133 Napoli, Italia  
Contacto: apezze@unior.it

Artigo recebido a 21.03.2019

Aprovado para publicação a 06.11.2019

## REFERENCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- Agamben, Giorgio (1995), *Homo sacer*. Torino: Einaudi.
- Alinovi, Matías (2009), *Historia universal de la infamia científica. Imposturas y estafas en nombre de la ciencia*. Buenos Aires: Siglo XXI.
- Asúa, Miguel de (coord.) (1993), *La ciencia en la Argentina*. Buenos Aires: CEAL.
- Beckman, Erika (2013), *Capital Fictions. The Literature of Latin America's Export Age*. Minneapolis/London: Minnesota University Press.
- Borges, Jorge Luis (1983), *Borges oral*. Rosario: Beatriz Viterbo.
- Bruno, Paula (2015), "Eduardo L. Holmberg en la escena científica argentina. Ideas y acciones entre la década de 1870 y el fin-de-siglo", *Saber y Tiempo*, 1(1), 118-140.

<sup>17</sup> Toda a parte em que o narrador conta a viagem ao interior do país é uma dedicatória dilatada ao romantismo e à necessidade de superá-lo. Cita *La cautiva* de Echeverría, mas ao mesmo tempo afasta-se dos intentos do autor romântico (Holmberg, 2005: 24 ss). "Porém sou eu aquele que investiga, como novelista, como médico, com espírito romântico – interessa-me a mulher e proponho-me salvá-la – e salvo-a, é dizer, salvo-a da garra policial" (*ibidem*: 95).

<sup>18</sup> As obras da primeira metade do século XIX concentram-se no problema das presenças de corpos sociais que dificultavam a expansão liberal, ou seja, os indígenas, os *caudillos* e os gaúchos. Cf. as obras mais importantes dos românticos: *La cautiva* (1991 [1837]) e *El matadero* (1991 [1872]) de Esteban Echeverría; *Facundo. Civilización y barbarie* (1977 [1848]) de Domingo Faustino Sarmiento. Sobre a relação entre Holmberg e Sarmiento, cf. Gioconda Marún (1998).



- Cortés Rocca, Paola (2003), "El misterio de la cuarta costilla. Higienismo y criminología en el policial médico de Eduardo Holmberg", *Iberoamericana*, 3(10), 67-78.
- Darío, Rubén (1904), *Los raros*. Madrid: Mundo Latino [orig. 1898].
- Echeverría, Esteban (1991), *La cautiva. El matadero*. Caracas: Biblioteca Ayacucho [orig. 1837 e 1872].
- Esposito, Roberto (1998), *Communitas: origine e destino della comunità*. Torino: Einaudi.
- Esposito, Roberto (2004), *Immunitas*. Torino: Einaudi.
- Foucault, Michel (2004), *Vigilare e punire*. Torino: Einaudi. Tradução de Alceste Turchetti.
- Foucault, Michel (2005), *Nascita della biopolitica*. Torino: Einaudi. Tradução de Mauro Bertani e Valeria Zini.
- Groussac, Paul (1904), *Viaje impresionante de la naturaleza y del arte*. Madrid: Victoriano Suárez [orig. 1893].
- Holmberg, Eduardo L. (1896), *Nelly*. Buenos Aires: Compañía Sudamericana de Billetes de Banco.
- Holmberg, Eduardo L. (1957a), "El ruiseñor y el artista", in *Cuentos fantásticos*. Buenos Aires: Hachette, 101-114 [orig. 1876].
- Holmberg, Eduardo L. (1957b), "La pipa de Hoffmann", in *Cuentos fantásticos*. Buenos Aires: Hachette, 115-146 [orig. 1876].
- Holmberg, Eduardo L. (1998), "Horacio Kalibang o los autómatas", in Oscar Hahn (org.), *Fundadores del cuento fantástico hispanoamericano*. Santiago de Chile: Andrés Bello, 146-178 [orig. 1879].
- Holmberg, Eduardo L. (2002), *Eduardo L. Holmberg. Cuarenta y tres años de obras manuscritas e inéditas*. Madrid/Frankfurt am Main: Iberoamericana/Vervuert. Edição de Gioconda Marún.
- Holmberg, Eduardo L. (2005), "La bolsa de huesos", in AA. VV., *Policiales argentinos*. Buenos Aires: Andrés Bello, 19-101 [orig. 1896].
- Holmberg, Eduardo L. (2006), *Viaje maravilloso del señor Nic-Nac al planeta Marte*. Buenos Aires: Colihue [orig. 1875].
- Holmberg, Eduardo L. (2013), *La casa endiablada*, Salerno: Arcoiris [orig. 1896].
- Jáuregui, Carlos (2005), *Canibalia. Canibalismo, calibanismo, antropofagia cultural y consumo en América*. La Habana: Casa de las Américas.
- Link, Daniel (2009), "Paranoia y ficción policial". Comunicação apresentada no Segundo Coloquio Latinoamericano de Literatura Policial "Ciudades, Identidades y Literatura Policial", 21 a 24 de septiembre de 2009, Universidad Católica de Chile, Santiago de Chile, Chile.
- López Martín, Lola (2005), "Lo sensible y lo suprasensible en Eduardo Holmberg", in Eva Valcárcel (org.), *La literatura hispanoamericana con los cinco sentidos. V Congreso internacional de la AEELH*, 375-382.
- Ludmer, Josefina (1999), *El cuerpo del delito. Un manual*. Buenos Aires: Perfil.
- Girona Fibla, Nuria (2010), "Rastos y restos en los cuentos y los viajes de Eduardo L. Holmberg", *Voz y escritura. Revista de estudios literarios*, 18, 37-56.

- Marún, Gioconda (1993), *El modernismo argentino incógnito en La Ondina del Plata y Revista Literaria (1875-1880)*. Bogotá: Instituto Caro y Cuervo.
- Marún, Gioconda (1996), "Edición príncipe de la novela *Olimpio Pitango de Monalia* (1915) de Eduardo L. Holmberg: textualización de la modernidad argentina", *Revista Iberoamericana*, 57(174), 85-102.
- Marún, Gioconda (1998), "Darwin y la literatura argentina del siglo XIX", in AA. VV., *Actas del XII Congreso de la AIH*. Birmingham: University Press.
- Piglia, Ricardo (1991), "La ficción paranoica", *Clarín*, 19 de maio, 4-5.
- Quereilhac, Soledad (2016), *Cuando la ciencia despertaba fantasías: prensa, literatura y ocultismo en la Argentina de entresiglos*. Buenos Aires: Siglo XXI.
- Rodó, José Enrique (1998), *Ariel*. Montevideo: Alianza [orig. 1900].
- Rodríguez Pérsico, Adriana (2001), "'Las reliquias del banquete' darwinista: E. Holmberg, escritor y científico", *MLN*, 116(2), 371-391.
- Salto, Graciela Nélica (1997), "Otro Caliban: *Horacio Kalibang o los autómatas*", *Casa de las Américas*, 209, 32-38.
- Sarmiento, Domingo Faustino (1977), *Facundo. Civilización y barbarie*. Caracas: Biblioteca Ayacucho [orig. 1848].
- Setton, Román (2014), "Nelly, la tercera narración policial de Eduardo L. Holmberg", *Rilce. Revista de Filología Hispánica*, 30(2), 580-594.
- Solomonoff, Pablo Crash (2006), "Eduardo Ladislao Holmberg: eslabón perdido en Marte", in Eduardo L. Holmberg, *El viaje maravilloso del señor Nic-Nac al planeta Marte*. Buenos Aires: Colihue, 11-25.